DEPOIMENTO DE RAIMUNDO GIRÃO SOBRE GUSTAVO BARROSO

1 — A ALMA CEARENSE DE GUSTAVO BARROSO

A glorificação dos monumentos não é de si mesma imperecível. O granito, o mármore, o bronze podem resistir ao trabalho das intempéries, mas não resistirá ao desgaste do esquecimento se nele, no bronze, no mármore ou no granito não se contiver em límpida essência a justiça da homenagem.

Pode a efígie gravada degenerar numa caricatura, alvo do motejo ou desprezo, ou, talvez, numa afronta às consagrações legítimas. Para que o homem esculpido na pedra ou no metal vença os fatores da demolição é necessário tenha mérito, real e inconcusso.

Daí por que não devemos levantar estátuas nas praças públicas só por levantá-las, na falsa fé ou má suposição de que o bronze ou granito, nos termos maliciosos de Pitigrilli, valerá como bloco lavrado a tornar ridículos os homens realmente merecedores de veneração.

A veneração de um povo, a exata veneração cívica, tem profundidade enorme, e para que não seja externada numa mentira há de retratar-se no espelho da mais absoluta sinceridade e convicção.

Esta estátua que ora se inaugura é das que a sinceridade do povo verdadeiramente plasmou na sua alma, na sua afetividade. O escultor é mero instrumento dessa sensibilidade coletiva.

Representa Gustavo Barroso, e foi o vibrante coração da gente cearense que a encomendou a exímio artista da escultura. No bronze em que a sua figura imponente se construiu estão as linhas de uma personalidade do mais estreme conteúdo de merecimento.

Bendito, por isso, o instante em que o Deputado Plácido Castelo conduziu o nosso Poder Legislativo a escrever em diploma de ouro, os anseios do Ceará agradecido ao filho amante; e bendita a ação do Governador Parsifal Barroso que, obstinadamente, dando largas ao seu amor à Cultura, quis e consegiu executar, nos pontos todos, a lei votada em minuto venturoso.

Em nome da "Comissão Pró-Monumento Gustavo Barroso" é que, nesta hora de uma tarde de reconhecimento de uma coletividade, estou dando conta da tarefa do Governo estadual, por ele confiada, a nós da Comissão, ou seja

o serviço de concretizar a idéia generosa. E o fazemos tomados da mais expansiva das alegrias, satisfeitos de ver que a moldagem do monumento, pela fidelidade, traz para os olhos desta cidade do Pajeú como a pessoa mesmo do cearense inconfundível e nunca olvidado.

A Gustavo Barroso, filho de Fortaleza, ninguém por certo excedeu no valor da inteligência, do aprimoramento intelectual, da amizade do Ceará.

Escritor vigoroso, dir-se-ia fruto telúrico dessa natureza de contrastres que habitam os cabeças-chatas, estes homúnculos físicos maiores que os gigantes, que se espalham no Brasil, no mundo, inquietamente, fazendo, consruindo e, quando é preciso, espatifando construções erigidas com a frouxa argamaça dos erros e da injustiça.

A pujança mental de gustavo Barroso não suportou férreas algemas provincianas e transcendeu nos limites do homem comum de talento, levando-o aos campos das mais vistosas e variegadas frutificações. Campo fecundo que é, a um tempo, loiro milharal e robusta floresta.

Foi muita coisa, foi quase tudo o grande conterrâneo, na linha ascencional que saiu do seu emprego de pobre aprendiz de cenógrafo em sua terra nativa até as majestosas cumiadas da Academia Brasileira de Letras, a que por mais de uma vez chegou a presidir, para gáudio e honra dos seus pares.

A sua obra exige o qualificativo de monumental, de olímpica, pelas dezenas de volumes e a consistente substância das suas idéias, das suas sentenças e das suas reflexões. Romancista, contista, cronista, poeta, crítico, historiador, museologista, tomou todos os vazios desses setores da ficção e dos ensinamentos, com as suas publicações de metal precioso, com o seu estilo, modulado, com o seu estilo simples, modulado não raro impregnado de humor petroniano, a conquistar irrecusavelmente o leitor preso ao seu hipinotismo.

Espanta saber como escrevia tanto, em tantos sentimos ou direções e com tanta segurança, floreio e graça, desde a sua fulgurante estreia de *Terra de Sol;* lançado com triunfos em 1912, faz agora um cinqüentenário. E mais espanta saber como era solicitado o seu tempo, pelo governo do país e pelas instituições culturais, para que os representasse, no estrangeiro como embaixador emérito, em congressos, simpósios e comissões de cultura literária ou científica.

O excelente desempenho de todas essas obrigações em que o colocavam tem o melhor índice no extraordinário número de condecorações, recompensas e comendas que pode receber. Nenhum brasileiro se lhe avantajou nessa colheita de honrarias sem jaça e altamente significativas.

Não lhe faremos obséquio se o colocarmos, como fiel integrante, no quadro heráldio dos nossos orgulhos em projeção no vasto e eloqüente cenário nacional das belas-letras das artes e das ciências. Já está, incontestavelmente, ao lado de José de Alencar, do imensurável Bevilaqua, de Farias Brito, de Capistrano de Abreu, de Moura Brasil, de Oto de Alencar, de Alberto Nepocumeno. Passou a ser, inquestionavelmente, um dos nossos Grandes, tutelares do nosso renome no conjunto brasileiro.

Só isto explicaria a consagração do bronze moldado, com esmero e engenho, por H. Leão Veloso, em surpreendente felicidade: ser luz, sol da terra que é de sol e luz.

Mas, sobretudo, faz jus à homenagem pelo quanto amou, na mais adorável das ternuras, a terra em que nasceu. Viveu para querer bem ao Ceará, dominante no seu espírito qual uma presença irrecorrível. Cantou-o, descreveu-o, exaltou-o em muitos dos seus livros — em *Terra de Sol* (1912), em *Praias e Várzeas* (1915), *Heróis e Bandidos* (1917), *Ao som da viola* (1921), *Alma sertaneja* (1924), *Almas de Lama e Aço* (1930). Livros de probidade indiscutível, fundamente ecológicos, misturados com a terra do Ceará, com as suas belezas, as suas virtudes, as suas secas, os seus caboclos, os seus jangadeiros e vaqueiros, e seus jagunços, os seus cantadores, as suas mulheres bonitas e ardentes.

"O sol e as terras do Norte se refletem com o encanto da verdade nas páginas de *Terra de Sol*, onde o talento da pintura tem rasgos de colorido e vida" — disse-o Rui Barbosa.

João Ribeiro, o Mestre multiforme, considerou essa obra de Gustavo Barroso mais cheia de observação do que *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, este "mais eivado de poesia que realidade e de mais imaginação e fantasia que experiência e conhecimento das coisas".

Enleva a leitura de suas memórias — *Coração de Menino* (1939), *Liceu do Ceará* (1941) e *Consulado da China* (1941), um suave e verde paraíso de relembranças de sua vida adolescente na cidade do seu berço.

Amava com amor singelo, espontâneo, docemente cândido as coisas da capital gentil, do seu Estado de origem, que revia contente quantas vezes os deveres o permitissem. Respirando o ar daqui, debruçado em cismas sobre as muradas do passeio público, extasiava-se, transnudava-se-lhe a fisionomia, preso de indizível encantamento. E relembrava, nos mínimos tons, as casas, os objetos, os lugares, os homens, os fatos, parece que envolvido no arminho dos mais acrisolados afetos.

De mim, tenho imensa saudade dele. Até que não resisto ao ímpeto de transcrever esta sua carta de 27 de novembro de 1957: "Meu caro Girão: neste domingo carioca e chuvoso, reunida a família para almoçar carne de sol com pirão de leite e lingüiças de Maranguape com arroz, tendo como sobremesa sapotis, mangas, doce de caju, abri o nihil obstat e o êxito foi triunfal. Todos o adoraram e o felicitaram pela receita. Com o material que trouxe de Fortaleza transformei o domingo carioca em cearense, menos o sol que se escondeu e contra o qual nada pude fazer. Enquanto o meu pessoal — mulher, noras, filhos e netos provavam as iguarias, eu cá no íntimo recordava devagarinho a nossa ida a Pirapora e a companhia alegre dos amigos: você, Waldir (Liebmann), Mozar (Soriano), Silveira Marinho. É esta saudade que lhe venho trazer em poucas linhas, cheias porém de sentimento, pedindo-lhe que a transmita a todos os do nosso grupo de amigos, tão generosos para comigo sempre que vou

ao Ceará. As engrenagens da minha vida aqui já me estão triturando de novo, mal cheguei. Que se há de fazer? Eu nunca realizei nenhum dos meus verdadeiros desejos. O destino realiza comigo aquilo que ele acha que deve ser e eu me submeto, porque quando me tenho revoltado tem sido pior. O danado logo me castiga. Abraços aos companheiros do Instituto (do Ceará) e da Academia (de Letras). Saudades muitas de tudo. Sempre muito seu — Gustavo".

Aquele nihil obstat de êxito tão completo no domingo cearense do escritor admirável nada mais é do que uma estilização "batidinha" nordestina, que para regalo de amigos que me visitam eu preparo, a meu modo em nossa herdade — o Paçaré, onde Gustavo se comprazia, desvestido de suas glorias, em alguns momentos descuidosos.

Sente-se nas palavras da carta o mesmo que se sente nas páginas dos seus livros: "a saudade muita de tudo", do torrão natal distante. Alguns dos seus mais íntimos conhecem do seu estrangulado desejo de readquirir um dos sítios que fora dos avós, em Messejana, alimentando o pensamento de passar ali temporada de férias. Porém o destino o contrariou e ele se submeteu com medo dos castigos.

Na verdade, o "danado não o deixava liberto para as expansões amoráveis da sua bem-querença ao Ceará, a sua Fortaleza pajeuna, a Fortaleza do riozinho das suas traquinadas de meninice.

Era a cidade dos belos luares, era o seu Estado queimado de sol, o seu mundo, martírio da sua nostalgia, tão dentro d'alma que jamais pôde apagar da mente, nem nos derradeiros dias da descida para o chão raso, o chão que desventurosamente não foi o do seu Ceará.

No leito de sofrimentos, ainda teve forças para redigir esta mensagem de desespero, dezoito dias antes de morrer.

"Escrevo estas páginas imobilizado numa poltrona, atenasado de dores por uma enfermidade pérfida e cruel. Perdi o comando de parte do meu corpo, mas conservo íntegro, graças a Deus, o do meu cérebro, e quero consignar por escrito muita coisa que vi e ouvi num velho Brasil, que a Revolução de 1930 começou matar e já não existe mais senão nas memórias e nos corações, cuja duração tem seu limite na morte. A minha única intenção é ser útil: fornecer algumas achegas aos que estudam, nesse período, a sociologia brasileira.

O Ceará, muito especialmente Fortaleza foi, e continua a ser, o meu mundo. E continuará sendo, estou certo. Não um mundo que eu comande, mas um mundo que me comanda através do espaço e do tempo, onde quer que eu vá, seja qual for a época. Tamanho poder lhe foi dado, porque foi o primeiro mundo que vi, quando abri os olhos para o mundo, mundo em que hora a hora, dia a dia, ano a ano, durando e tomando forma fui no corpo e na alma descobrindo as coisas do mundo. O Ceará é o mundo em que sempre me recordo e vejo, só ou acompanhado de tudo quanto vi e toquei desde o berço. continuarei a viver nesse mundo até que se me apague a derradeira luz do mundo! Meu mundo querido e único!"

É um grito ecológico do homem que se desprende da terra, compungentemente, vendo-a já sem os contornos, mal refletida, com uma poeira, nos olhos que tanto a contemplaram, ouvindo os verdes mares bravios e vendo as praias ensombradas de coqueiros.

Doravante só pelos ouvidos do bronze pode ouvir e só pelos olhos do bronze pode ver. O mar, a praia, o sertão.